

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

O PAPEL DOS NETOS NAS REDES SOCIAIS PESSOAIS
DE IDOSOS PORTUGUESES

PAULA ALEXANDRA DINIS RIBEIRO MARQUES DE CAMPOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Psicologia Forense

Coimbra, 2014



Escola Superior de Altos Estudos

O PAPEL DOS NETOS NAS REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS PORTUGUESES

PAULA ALEXANDRA DINIS RIBEIRO MARQUES DE CAMPOS

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia

Clínica – Ramo de Psicologia Forense

Orientador: Professor Doutor Henrique Vicente

Coimbra, abril de 2014

Agradecimentos

Ao Dr. Henrique Vicente, pela orientação de excelência, pelo caráter profissional, e principalmente pela paciência que teve comigo. O meu obrigada sincero.

A todos os idosos que puderam colaborar na concretização deste estudo, pois sem ajuda e cooperação, não teria sido possível a realização do mesmo.

Ao meu filho por toda a força que me deu. As minhas desculpas pelos dias que “não estive lá”. És a minha força...

À minha mãe, irmã e sobrinhos por toda a força que me transmitiram. As minhas desculpas pelos dias que não estive com vocês.

À Filomena, que me acompanhou durante este percurso académico, obrigada por tudo...

Resumo

O objetivo central deste estudo é analisar o papel dos netos nas redes sociais dos idosos, comparando as redes sociais pessoais dos indivíduos que assinalam netos no seio das suas redes com aquelas que se pontuam pela inexistência de netos. Nesse sentido, pretende-se analisar as diferenças entre estes dois grupos ao nível da estrutura, funções e satisfação com a rede social e com o apoio social. Pretende-se igualmente caracterizar a presença dos netos na rede, analisando questões como o número médio de netos nas redes, a distância que os separa dos avós, a frequência de contactos entre avós e netos e os apoios prestados pelos netos.

Os dados foram recolhidos através do Instrumento de Avaliação da Rede Social Pessoal – Idosos (IARSP-Idosos) (Guadalupe e Vicente, 2012). Este instrumento consiste numa entrevista semi-estruturada que possibilita a avaliação de diversas dimensões e variáveis da rede social pessoal do inquirido. Foram entrevistadas 287 pessoas, com idades compreendidas entre 65 e 98 ($M = 77,15$), maioritariamente da zona centro de Portugal. Dos 287 inquiridos, 192 (66,90%) assinalaram a presença de um ou mais netos na rede e 95 (33,10%) não referenciaram qualquer neto na rede.

Os principais resultados evidenciam três aspetos relevantes: a) existem diferenças na rede entre aqueles que referem netos e os que não referem, essencialmente ao nível das características estruturais; b) não parece haver diferenças nas características funcionais entre as redes com netos e as redes sem netos, exceto na companhia social, onde as redes sem netos apresentam níveis superiores; c) os idosos que incluem netos nas suas redes apresentam maior nível na satisfação com a rede do que aqueles que não referiram netos.

Apesar das redes com netos apresentarem níveis de apoio e frequências de contacto inferiores, e maior dispersão geográfica, os sujeitos que referenciam netos nas suas redes apresentam um maior nível de satisfação com as mesmas. Por outro lado, o nível de satisfação com a rede parece estar significativamente relacionado com os apoios prestados pelos netos, o que indicia um papel relevante dos netos no tecido relacional dos idosos, que deverá ser explorado em estudos futuros, através de outras metodologias e/ou instrumentos.

Palavras chave: idoso, rede social pessoal, avós, netos, relações intergeracionais.

Abstract

The main goal of this study is to analyse grandchildren's role inside the elderly's social network, establishing comparisons between those that have grandchildren in their social network and those who do not. Knowing that, the purpose is to analyse differences between this two groups regarding the structural, functional and satisfactorial factors with the social network and social support. It is equally intentional to demonstrate and distinguish the presence of the grandchildren in the social network, analyzing issues as the average number of it, the distance between grandchildren and grandparents, their usual contacts and the support given by the younger group.

Data was collected by means of the Personal Social Network Assessment Instrument – Elderly (IARSP-Elderly). This instrument is based on a semi-structured interview which possibilities the evaluation of several dimensions and variables of the respondent's personal social network. 287 individuals between 65 and 98 years old ($M = 77,15$) were interviewed, mainly from the central county of Portugal, in which 192 (66,90%) indicated the presence of one or more grandchildren and 95 (33,10%) do not refer to any.

The main results reveal three relevant aspects: a) there are differences in the networks between those who mention grandchildren and those who don't, essentially in what refers to structural characteristics; b) apparently there are no differences in the functional characteristics between the networks with grandchildren and the networks without them, except in social relations, where the networks without grandchildren reveal higher levels; c) the elders who include grandchildren in their networks show a higher level of satisfaction with them comparing to those who do not include them.

Although the networks with grandchildren reveal lower support levels and contact frequencies, and bigger geographic dispersion, the individuals who refer the existence of grandchildren in their networks show a higher level of satisfaction with them. On the other hand, the level of satisfaction with the network seems to be significantly related to the support given by the grandchildren, which suggests a relevant role by the grandchildren in the elders' relational tissue that should be explored in future studies through other methodologies and/or instruments.

Key Words: Elderly, personal social network, grandparents, grandchildren, intergenerational relations

Índice

INTRODUÇÃO	1
<i>Redes Sociais Pessoais da Pessoa Idosa</i>	3
<i>Relações Intergeracionais entre Avós e Netos</i>	5
<i>Objetivos</i>	9
MATERIAL E MÉTODOS	9
<i>Procedimentos</i>	9
<i>Instrumentos</i>	10
<i>Instrumento de Avaliação da Rede Social Pessoal – Idosos (IARSP – Idosos)</i>	10
<i>Participantes</i>	13
<i>Análise de dados</i>	13
RESULTADOS	14
<i>1. Estudo descritivo da rede social pessoal dos inquiridos</i>	14
DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	19
Referências bibliográficas	25

Índice de tabelas

Tabela 1. Entrevistas e Variáveis	11
Tabela 2. Características estruturais, funcionais e medidas de satisfação das redes sociais e pessoais dos idosos	15
Tabela 3. Características estruturais e funcionais da rede segundo a presença e ausência de netos: Médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney.....	16
Tabela 4. Estudo descritivo das redes em que é assinalada a presença de netos: Características estruturais e funcionais	18

INTRODUÇÃO

O mundo está a envelhecer. Segundo as projeções do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população idosa deverá registar um crescimento significativo. Em 2050, essa população deverá atingir mais de 35% do total da população (em 2011 o peso da população era de 19%) segundo as projeções do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP). A tendência para o crescimento da população idosa é um dos traços mais salientes da sociedade portuguesa atual (Rodrigues, 2013).

Portugal enfrenta presentemente uma realidade que, sendo comum à generalidade dos países europeus, só agora começa a ganhar um impacto social relevante: baixas taxas de natalidade e aumento da esperança média de vida, com um aumento significativo do peso dos idosos no conjunto da população total do país (Fonseca, 2006). Em 2011, o índice de envelhecimento da população era de 128, o que significa que por cada 100 jovens existiam 128 idosos. O índice de longevidade, que relaciona a população com 75 ou mais anos com o total da população idosa com 65 ou mais anos era, em 2011, de 48, face a 41 em 2001 e 39 em 1991 (INE, 2011).

Portugal apresenta mutações demográficas de ampla escala e com importantes repercussões sociais, económicas e culturais (Gonçalves & Dias, 2011). A evolução demográfica em Portugal, no passado recente, caracterizou-se por um gradual aumento do peso dos grupos etários seniores e uma redução do peso da população jovem. As projeções oficiais disponíveis indicam uma dinâmica populacional sem precedentes na história portuguesa, com um crescente peso das populações seniores e uma redução secular do peso da população ativa (Carneiro, Chau, Soares, Fialho e Sacadura, 2012).

O efeito cumulativo da diminuição das taxas de mortalidade e de natalidade ao longo de várias décadas tem vindo a alterar o perfil demográfico da população portuguesa, cujo traço mais marcante é o progressivo envelhecimento da sociedade. O envelhecimento resulta da transição demográfica das sociedades, da passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo de níveis baixos dos mesmos e, simultaneamente, um aumento generalizado da esperança média de vida das populações (Carneiro et al., 2012).

De acordo com vários autores (Bengtson, 2001; Coutrim, 2006; Crosnoe & Elder, 2002; Kemp, 2005; Rani & Sharma, 2004; Relvas, 2004, citados por Cunha e Matos, 2010), parece haver um potencial implícito no aumento da longevidade dos membros da família,

quer para as gerações mais novas, quer para as gerações mais velhas (Ferland, 2006; Triadó & Villar, 2000, citados por Cunha e Matos, 2010). Inevitavelmente emergem novas formas de família vistas sob uma perspetiva holística e com base em relações intergeracionais (Cunha e Matos, 2010). Os indivíduos envelhecem tendo na família mais ligações verticais do que horizontais e passam mais tempo a desempenhar papéis intergeracionais do que antes (Harper, 2006). Segundo, Sousa (2010: 14), “a actual geração de avós é a primeira na história que pode esperar ter tempo para ver os netos crescer e serem adultos”.

Um conjunto de alterações sociodemográficas, nomeadamente o aumento da esperança de vida ou, a diminuição da variância na idade da morte (Kohli, 1985, citado por Vicente, 2010), associado à diminuição das taxas de natalidade, provocaram mudanças significativas na estrutura familiar, traduzidas no aumento das relações intergeracionais e diminuição das intrageracionais (Vicente, 2010). Com o aumento da esperança de vida assiste-se a uma verticalização das famílias, com a coexistência de várias gerações, o que implica uma presença dos avós na vida dos seus netos durante mais tempo (Rodrigues, 2013).

Em termos familiares, o impacto do envelhecimento traduz-se numa maior importância das relações intergeracionais, em detrimento das intrageracionais remetendo para a ideia da verticalização, onde o facto de existirem menos indivíduos por geração nas atuais famílias leva a concluir que estamos perante uma família “em feijoeiro”. A literatura (Mietkiewicz & Jolliot, 2004; Bengtson, Lowenstein, Putney & Gans, 2003, citados por Vicente e Sousa, 2012) assinala precisamente que as famílias com quatro gerações vivas tornam-se cada vez mais comuns, principalmente devido a fatores sociais e demográficos que conduzem à verticalização das famílias e à emergência das famílias em “feijoeiro” (Vicente e Sousa, 2012, a). Sousa (2005: 41) descreve do seguinte modo esta ideia, acrescentando algumas considerações sobre as relações avós-netos que emergem neste contexto:

As famílias estão a tornar-se mais verticais devido à diminuição da taxa de natalidade, mais mulheres que escolhem não ter filhos e aumento da longevidade, ou seja, co-existem várias gerações, cada uma delas com poucos elementos, sendo as mais novas aquelas que menos membros têm. Como os casais têm filhos mais tarde, a diferença de idades inter-geracional é maior, nesta sequência pode esperar-se que famílias de quatro gerações se tornem cada vez mais comuns, com maiores diferenças de idade. No que respeita à relação avós-netos, daqui resulta a diminuição do número de netos, permitindo que os avós possam dar uma atenção mais individualizada aos netos. Voltando à

verticalização das famílias, é importante referir que esta circunstância acarreta, igualmente, o aumento da importância das relações inter-gerações, uma vez que diminuem os colaterais, mas aumenta o número de gerações.

É nesse sentido que o presente estudo, ao abordar as redes sociais pessoais de idosos, coloca o enfoque na relação intergeracional entre avós e netos, procurando analisar o papel que os últimos desempenham nas redes sociais dos primeiros. Em termos de enquadramento teórico, será abordado, num primeiro momento, o conceito de rede social pessoal, com particular destaque para as modificações que se operam na idade avançada, sendo que, posteriormente, será abordada a literatura que versa especificamente sobre a relação entre avós e netos.

Redes Sociais Pessoais da Pessoa Idosa

Existe alguma unanimidade, ao nível da literatura, que a noção de rede social, e sua operacionalização no contexto das ciências sociais, data de 1954 e foi primeiramente desenvolvida por Barnes que, ao observar uma comunidade piscatória norueguesa, desenvolveu um estudo antropológico sobre a influência das redes familiares e extra-familiares, formais e informais, refletindo sobre a importância dos vínculos sociais extras-familiares no dia-a-dia dos indivíduos da comunidade (Guédon, 1984; Bénoit, 1988; Sluzki, 1996, 2007; Guadalupe, 2000; Mercklé, 2004; Sousa, 2005; Alarcão & Sousa, 2007; citados por Correia, 2009).

A rede social assume diferentes formas, de acordo com o tipo de laços e de atores sociais implicados, fornecendo um espaço onde os papéis são ativados e valorizados, sendo que o indivíduo é compreendido, como um elemento interativo num conjunto de “parceiros sociais” (Guadalupe, 2003).

De modo a operacionalizar o conceito de rede social, são referidas algumas definições. Wellman (1981, citado por Guadalupe, 2003) definiu rede social como sendo um conjunto de nós e de laços de ligação entre esses nós, em que os nós podem ser pessoas, grupos, empresas ou instituições. Numa perspetiva individual, segundo Speck e Attneave (1990, citado por Guadalupe, 2003), considera-se que uma rede social é definida a partir de um indivíduo ou actor social, delimitada normalmente por ele próprio, numa visão ptolomeica das redes, e observada como “o campo relacional total de uma pessoa” Guadalupe (2003). Sluzki (1996: 42) definiu o conceito de rede social pessoal como sendo organizada

pelos atores com quem o indivíduo interage e considera significativos: “ *Esta red corresponde al nicho interpersonal de la persona, y contribuye substancialmente a su propio reconocimiento como individuo y a su imagen de sí*”. Para Sluzki (1996: 42) as redes sociais pessoais de cada um são múltiplas, complexas e sujeitas a alterações ao longo do tempo, podendo ser definidas como:

(...) la suma de todas las relaciones que un individuo percibe como significativas o define como diferenciadas de la masa anónima de la sociedad. Esta red corresponde al nicho interpersonal de la persona, y contribuye substancialmente a su propio reconocimiento como individuo y a su imagen de sí. Constituye uma de las claves centrales de la experiencia individual de identidad, bienestar, competencia y protagonismo o autoría, incluyendo los hábitos de cuidado de la salud y la capacidad de adaptación en una crisis

O conceito de rede social foi sendo desenvolvido por diversos autores, sendo possível actualmente caracterizá-la como uma estrutura de complexidade variável constituída por nódulos, geralmente pessoas, e laços, usualmente as relações entre essas pessoas (Vicente, 2010). Para além da multiplicidade de conceptualizações, também os métodos de avaliação das redes sociais variam, sendo que as centradas no *ego* (ou seja, num indivíduo ou respondente), também denominadas redes sociais pessoais, se têm revelado mais operacionais (Vicente, 2010).

As redes sociais podem ser entendidas, como conjunto de contactos pessoais que possibilitam aos indivíduos, sobretudo em fases mais avançadas da vida, manter a sua identidade pessoal e social, receber apoio emocional, ajuda material e informação ou, ainda, estabelecer novas relações com os outros (Walker, MacBride & Vachon, 1977, citado por Ferreira et al., 2013).

As redes sociais pessoais desempenham um papel determinante na qualidade de vida das pessoas, sendo que nos idosos assumem funções relevantes: proteger o indivíduo do stress associado às pressões do contexto; atenuar, prevenir ou colaborar no tratamento/gestão de doenças físicas e mentais; providenciar apoio ao enfrentar acontecimentos de vida e na integração social; servir como elemento base de experiência da identidade individual contribuindo para o autoconhecimento (Vicente & Sousa, 2012 a).

Sluzki (1996: 127), considera que na velhice existem alterações substantivas ao nível da rede social pessoal, as quais são descritas do seguinte modo:

A medida que se envejece, la red social personal sufre más pérdidas a la vez que las oportunidades de reemplazo para esas pérdidas se reducen marcadamente: la gente del grupo de referencia de esa edad tiende a morir más frecuentemente, y a la vez los viejos tienen menos ocasiones sociales para hacerse de nuevos amigos, y menos viejos están accesibles o dispuestos al esfuerzo de acomodación que depara el iniciar nuevas relaciones.

Os estudos sobre redes sociais na velhice tendem a caracterizar os elementos que fazem parte da rede e a descrever os apoios ou funções assumidas pela rede social. Neste âmbito, vários tópicos têm sido abordados: tipo de rede e risco de mortalidade nas fases avançadas da vida, presença do cônjuge e frequência de interacção com outras pessoas, tipologias de redes sociais e saúde mental, declínio cognitivo, depressão e isolamento, diferenças na rede consoante o género, idade e estatuto socioeconómico (Sousa, 2009, citado por Vicente, 2010).

Outros estudos mostram que a existência de redes sociais é um dado crucial para a qualidade de vida dos idosos. Os resultados de um estudo de rastreio sobre a qualidade de vida da população idosa no Reino Unido mostram que os aspetos mais valorizados pelos idosos a residir na comunidade são: ter boas relações com a família e os amigos; ter papéis sociais, como voluntariado e ocupação dos tempos livres; ter boa saúde e funcionalidade; viver numa boa casa numa zona simpática e de boa vizinhança; ter uma visão positiva da vida e manter o controlo e independência (Bowling, Gabriel, Dykes, et al., 2003 citados por Paúl, 2005).

Relações Intergeracionais entre Avós e Netos

As relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e contribuindo para a unidade dentro da multiplicidade, como por exemplo, as relações estabelecidas entre avós e netos (Oliveira, 2011).

As relações intergeracionais e vínculos que os avós estabelecem com os netos podem funcionar como guia de suporte, para os novos, e fonte de actividades significativas para os mais velhos. Os adolescentes procuram-nos para serem compreendidos e obterem aconse-

lhamento. Para os avós que assumem este papel, a importância de saber-se e sentirem-se úteis, leva-os a sentirem-se figuras significativas na família (Silva, 2010).

Vários estudos realizados (Glass Jr & Huneycutt, 2002; Reitzes & Mutran, 2004, Lopes; Nery & Park, 2005, citados por Arrais et al, 2012), referem que com o aumento da longevidade, os idosos passaram a conviver mais tempo com os seus descendentes, bem como a exercer diferentes papéis na dinâmica familiar. No passado os avós, por exemplo, raramente podiam conviver muito tempo com os netos, sobretudo até que eles se tornassem adultos, o que acontece actualmente com bastante frequência. Assim, a possibilidade de convivência entre gerações na atualidade, dá origem a mudanças nos laços intergeracionais e até no significado do papel de avó a ser desempenhado nas relações familiares (Arrais et al, 2012).

Sampaio (2008, citado por Pimentel & Albuquerque, 2010) ao reflectir sobre o contributo das gerações mais velhas para atenuar os impactos da instabilidade e da desagregação das famílias nucleares contemporâneas, especialmente na educação das crianças, realça o seu papel na perpetuação do sentido de família, quer do ponto de vista simbólico, quer do ponto de vista prático. Os avós desempenhariam assim um papel fundamental na transmissão das heranças familiares, na continuidade das relações e das trocas intergeracionais, nos cuidados às crianças, sendo valorizados pelos seus netos como figuras de referência (Pimentel & Albuquerque, 2010).

De acordo com Sampaio (2008, pp:11) “o futuro da família está na transmissão intergeracional da sua história, tornada presente pelos testemunhos dos avós”. Paúl (2005) refere que uma área particular da rede de relações sociais dos idosos refere-se à que eles estabelecem com os netos. Segundo Kivnick (1982, citado por Paúl, 2005), o significado de ser avô/avó organiza-se em 5 dimensões: 1) “Centralidade”, ser avô é um aspeto central de identidade pessoal; 2) “Idoso valorizado”, o avô tem um papel de sábio e transmissor da tradição durante o crescimento da criança; 3) “Imortalidade através da família”, os avós assumem responsabilidades como cabeça de família que surge juntamente com os netos como a extensão de si próprio; 4) “Reenvolvimento com o passado pessoal”, contribui para a história de vida do próprio avô e dá a sensação de reexperienciar a sua própria juventude; 5) “Indulgência”, referindo o “estraga com mimos” e ser indulgente com os netos. Ser avô/avó é de acordo com Erikson e colaboradores (1986, citado por Paúl, 2005), um papel que conduz a maior felicidade, satisfação e bem estar para idosos que sofrem vários tipos de perdas noutras áreas, nomeadamente relacionais, como a morte de pares (Paúl, 2005).

Parecem existir ganhos na relação avós-netos, a nível, sobretudo emocional e social (mais que instrumental), um repositório de afetos para idosos e crianças, desde que o apoio

seja prestado a tempo parcial, como complemento da guarda e educação das crianças, deixando espaço para outras atividades e interesses dos idosos (Paúl, 2005).

A relação entre avós e netos é a relação intergeracional não contígua com maior relevo na literatura, existindo diversos estudos sobre o papel dos avós na família e a sua importância para as diversas gerações do sistema familiar (e.g. Botcheva & Feldman, 2002; Goodman & Silverstein, 2001; Poehlmann, 2003, citados por Vicente, 2010). Com efeito, a literatura tem vindo a enfatizar o papel que os avós desempenham em relação aos netos, existindo poucos estudos que se debrucem sobre as funções desempenhadas pelos netos em relação aos avós.

Uma pesquisa realizada por Dias e Silva em 2003, sobre os avós na perspectiva de jovens universitários, demonstra que o significado dos primeiros está ligado aos conceitos de sabedoria, respeito, carinho e experiência de vida. Existem outros estudos que revelaram dados interessantes sobre o relacionamento de jovens com os avós e realçaram que o mesmo foi decisivo nas suas vidas (Robertson, 1976; Harsthorst & Manaster, 1982; Kennedy, 1989; Mathews & Sprey, 1985, Hodgson, 1992, citados por Dias & Silva, 2003). Por exemplo, um estudo revelou que os jovens referiram os avós como figuras importantes tanto no aspeto social (respeito, influência no próprio comportamento, participação nos acontecimentos familiares), como no pessoal (fonte de aprendizagem, ligação emocional) (Sanders & Trygstad, 1993, citados por Dias & Silva, 2003).

Paula e colaboradores (2011) identificaram mudanças nas relações entre avós e netos concluindo que, para alguns idosos, a autoridade que antes existia no contexto familiar deu lugar a conflitos e à falta de respeito. Essa relação intergeracional era marcada, no passado e segundo os idosos, por delicadeza e bom relacionamento:

Toda a família participava do processo de criação, o que não atrapalhava tal processo por existirem regras claras quanto ao certo e ao errado. Hoje a relação mudou. (...) Idosos culpam a criação e a “educação moderna” dada aos netos pelas mudanças ocorridas no relacionamento. A liberdade dada aos jovens faz com que se perca o controle sobre eles e isso tem consequências sobre o futuro (Paula et al., 2011: 919-920)

Hartshorne e Manaster (1982, citados por Durão, 2012) concluíram que os netos consideram as avós maternas as mais importantes e que a maioria sente que é importante para os seus avós. Já Kienz em (1983, citado por Durão, 2012) refere que as crianças com 5 - 8

anos vêm as avós com uma verdadeira inclinação sentimental; com 8 – 12 anos têm uma das avós que é um misto de fantasia e realidade; com 13 – 18 anos mostram-se críticas e revelam alguma incompreensão pelo envelhecimento, pelo que a ideia de cumplicidade dá lugar a uma ideia de ultrapassado (Durão, 2012).

A afinidade entre os avós e netos parece apresentar benefícios para avós, netos e aos pais. Num inquérito às famílias no Portugal contemporâneo, chegou-se à conclusão que do leque de familiares que toma conta das crianças, 89 % eram avós, 99,7 % do sexo feminino, sendo que 64 % eram avós maternas (Wall, 2005, citado por Durão, 2012).

Segundo Lumby (2010, citado por Rodrigues, 2013), os netos têm uma grande importância na vida dos avós, podendo o contacto entre ambos, ser essencial para a integração emocional da pessoa em processo de envelhecimento.

Leshan, (1992, citado por Castro, 1998) acredita que, em geral, as pessoas com idade avançada sentem medo, tristeza ou preocupação com relação à chegada da velhice, mas se têm um neto ao seu lado, isso pode ser um grande consolo.

Segundo Sampaio (2008: 240-241), “o sentimento de continuidade e respeito baseia-se no olhar da criança sobre o passado, trazido do reservatório familiar pela ternura e experiência do mais velho; e consolida-se na interiorização de uma relação entre neto e avô organizada a partir da partilha das suas vidas”. Ainda para o mesmo autor a relação de amor entre avós e netos constrói-se dia a dia, a partir de pequenas ações do quotidiano, sem metas definidas nem caminhos pré-estabelecidos. Quando este afeto se organiza de algum modo e se faz perdurar ao longo da vida dos mais novos, pode manter-se por muito tempo, se não for interrompido ou limitado por acontecimentos da vida familiar (Sampaio, 2008, pp: 63). Com os netos, os avós podem ter contactos com novas ideias culturais, adoptar posturas menos conservadoras, assim como aprofundar um sentido de continuidade do self/ renovação biológica (Cunha, 2008; Newman & Newman, 2012; Pires, 2010; Smith & Drew, 2004; Sousa, 2006, citados por Rodrigues, 2013).

Num estudo recente com adolescentes, Cél dram, Osuna, Solé, Traidó e Villar (2006, citados por Cunha e Matos, 2010) pediram aos netos adolescentes para caracterizarem a figura do por avô/ó estes, condensaram-na nas características da própria relação (eg: compreensão, afecto), em vez de se basearem em aspectos pessoais do avô. Pelo contrário, os avós, quando solicitados para descreverem a figura do neto, fizeram-no recorrendo a características pessoais do neto, o que permite aos autores concluir que o papel de neto está pouco definido (em oposição ao de avô).

Objetivos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT (Instituto Superior Miguel Torga) e no Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). O estudo pretende descrever e tipificar as redes sociais dos idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e de participação social. Integra diversos estudos seccionais, utilizando as metodologias quantitativas e de análise de redes sociais (*ego network analysis*).

O objetivo central deste estudo é analisar o papel dos netos nas redes sociais dos idosos, comparando as redes sociais pessoais dos indivíduos que assinalam netos no seio das suas redes com aquelas que se pontuam pela inexistência de netos. Nesse sentido, pretende-se analisar as diferenças entre estes dois grupos ao nível da estrutura, funções e satisfação com a rede/apoio social. Pretende-se igualmente caracterizar a presença dos netos na rede, analisando questões como o número médio de netos nas redes, a distância que os separa dos avós, a frequência de contactos entre avós e netos e os apoios prestados pelos netos.

MATERIAL E MÉTODOS

Procedimentos

O Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” da responsabilidade das Professoras Doutoras Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e Professor Doutor Henrique Vicente. É formado por uma equipa de dez licenciado(a)s, a desenvolver as suas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica e em Serviço Social¹.

É utilizado um protocolo de recolha de dados com 8 secções de questões, a saber: a) Características sociodemográficas e familiares; b) Características socioprofissionais e de aposentação; c) (E)Migração; d) Saúde e qualidade de vida; e) Solidão e depressão; f)

¹ - Equipa: Cláudia Viegas, Catarina Santos, Laura Rosa, Liliana Silva, Lina Dias, Rita Matias, Sara Ribeiro, Daniela Monteiro, Paula Campos, Ana Sofia Sousa (2º Ciclo em Psicologia Clínica); Ana Oliveira, Joel Silva e Tatiana Roque (2º Ciclo em Serviço Social)

Satisfação com a vida, com relações interpessoais e *coping* resiliente; g) Participação social; h) Rede Social Pessoal.

Os questionários foram preenchidos por cada um dos entrevistadores que integrava a equipa. Foi sempre tido em conta o local da aplicação de cada questionário, procurando acima de tudo preservar a privacidade do inquirido. No caso das instituições, foi sempre passado em locais mais isolados, como os gabinetes dos técnicos. O tempo de aplicação de cada questionário variou de idoso para idoso, situando-se sensivelmente entre 30 a 90 minutos. Os dados para o estudo foram recolhidos entre fevereiro e maio de 2013.

Instrumentos

Este protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial: Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paúl, 1999); MHI-5 – *Mental Health Inventory* (Ribeiro, 2001); *Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15* (Yesavage et al., 1983; Almeida & Almeida, 1999); Escala de Solidão da UCLA (Neto, 1989); SWLS - *Satisfaction With Life Scale* (Diener, 1985); *Coping* Resiliente (Sinclair & Wallston, 2003); *Easycare* (2010); WHOQOL (OMS; Canavarro et al., 2006); IARSP - Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012). Para efeito deste estudo destacam-se o IARSP – Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012).

Instrumento de Avaliação da Rede Social Pessoal – Idosos (IARSP – Idosos)

O instrumento original, desenvolvido e adaptado por vários autores em contexto nacional (e.g. Alarcão & Sousa, 2007; Vicente, 2010), consiste numa entrevista semi-estruturada que possibilita a avaliação de diversas dimensões e variáveis da rede pessoal do inquirido.

Relativamente a versões anteriores, o questionário utilizado para este estudo foi submetido a algumas alterações, tendo sido retirados alguns itens que tornavam o seu preenchimento mais longo. A questão inicial também sofreu algumas alterações:

Refira o nome das pessoas com quem se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam. Use o tipo de identificação que desejar (1º nome, alcunha ou iniciais). Refira o vínculo que a pessoa tem consigo. Na família especifique o parentesco (mãe, pai, filho,

cônjuge, irmão, tio, etc....). Os técnicos podem ser um médico, um psicólogo, um assistente social, etc..

Algumas das alterações relativamente a versões anteriores remetem para o número de variáveis avaliadas na rede do idoso. Enquanto noutros estudos (e.g. Vicente, 2010) os idosos eram questionados acerca dos apoios emocional, financeiro, instrumental, técnico ou de serviços, aconselhamento, acesso a novos contactos, companhia social e regulação social e, ainda, ao conflito, intimidade e reciprocidade, no presente estudo houve uma redução de apoios avaliados. Foram acrescentadas também algumas componentes, tais como: mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação, perdas, cortes relacionais, satisfação com a rede e satisfação com o suporte social, e a presença ou não de um cuidador. Estes aspectos permitem um estudo mais pormenorizado acerca da perceção que o idoso tem relativamente à satisfação com a rede e a sua posição perante a mesma.

Tabela 1

Entrevista e variáveis

Questão	Variável	Definição
Dimensão 1. Estrutura – características morfológicas básicas da rede		
“Refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam.”	Tamanho	Número total de pessoas
“Vive: 1- Na mesma casa; 2- No mesmo bairro/rua; 3- Na mesma terra; 4- Até 50 km; 5- A mais de 50 km”	Residência (dispersão geográfica)	Acessibilidade dos membros da rede
“Refira há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento.”	Durabilidade	Durabilidade total de cada relação, em anos.
Refira com que frequência que contacta com esta pessoa: “Use os números: 1- Diariamente; 2- Algumas vezes por semana; 3- Semanalmente; 4- Algumas vezes por mês; 5- Algumas vezes por ano”	Frequência de contactos	Acessibilidade dos membros da rede

“Refira o vínculo que a pessoa tem consigo: família, amigo(a); vizinho; relações de trabalho/estudo; técnico”	Número de Quadrantes representados (heterogeneidade)	Número de quadrantes com membros
“Quem conhece quem na rede”	Densidade	Número de ligações na rede, além o elemento focal

Dimensão 2. Funções – conteúdos disponíveis e desempenhados pela rede

“Indique o nível de apoio ou ajuda percebida, em cada uma das seguintes áreas **”(1- nenhum; 2- algum; 3- muito)	Apoio	Nível de apoio ou ajuda percebida
“Pensando no apoio que dá a estas pessoas que referiu, pode afirmar que: 1 - Não dá apoio a nenhuma destas pessoas; 2 – Dá apoio a poucas destas pessoas; 3 – Dá apoio a algumas destas pessoas; 4 – Dá apoio a maior parte destas pessoas;	Reciprocidade	Se a pessoal focal disponibiliza as mesmas funções ou equivalentes à rede

Dimensão 3. Medidas de satisfação

“Indique o nível de satisfação com o suporte social: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com o suporte social	Nível de satisfação com o suporte social providenciado pela rede
“Indique o nível de satisfação com a rede pessoal: 1- nada; 2- pouco; 3- muito”	Satisfação com a rede	Nível de satisfação com a rede

* Áreas de apoio: i) apoio emocional: ato de proporcionar à pessoa focal estima e afeto com intuito de esta alcançar os seus objetivos pessoais; ii) apoio material e instrumental: proporcionar ajuda nas atividades quotidianas do indivíduo focal; iii) apoio informativo: fornecimento de informações úteis ao indivíduo focal; iv) acesso a novos contactos: interações com a pessoa focal com intuito de que esta estabeleça contactos com novos elementos; v) companhia social: disponibilização de algum tempo para fazer companhia à pessoa focal.

Para este estudo, especificamente, foram acrescentadas algumas variáveis importantes como: número de netos, presença de netos, sexo dos netos, a idade, durabilidade das relações com netos, frequência de contactos e dispersão geográfica dos netos, apoio emocional, material e informativo dos netos, companhia social dos netos e o acesso a novos contactos através dos netos.

Participantes

A amostra é constituída por 287 indivíduos, composta maioritariamente pelo género feminino (n = 183, 63,8%) comparativamente com o sexo masculino (n = 104, 36,2%). No que se refere à distribuição por escalões etários, 43,2 % pertencem ao escalão ≤ 75 anos (n = 124), 39,7% ao escalão de 76-85anos (n = 114) e 17,1% ao escalão de > 86 anos (n = 49). Quanto ao estado civil, a maioria dos idosos referiram ser casados(as) / união de facto (51,6%), seguindo-se os viúvos(as) (n = 100, 34,8%), solteiros (as) (n = 25, 8,7%) e divorciados(as) / separados(as) (n = 14, 4,9%). Quanto à distribuição geográfica por distrito, Coimbra é o distrito mais representativo (n = 204, 71,1%), seguindo-se Aveiro (n = 50, 17,4%), Leiria (n = 30, 10,5%), Guarda (n = 2, 0,7%) e por último Viseu (n = 1, 0,3%).

Quanto à dispersão geográfica trata-se de uma população que reside maioritariamente em zona inserida em aglomerado populacional (n = 248, 86,4%), sendo que apenas 13,6% dos inquiridos reside em zonas isoladas (n = 39). Relativamente aos padrões de coabitação (se vive só ou acompanhado por outras pessoas), a grande maioria afirmou residir em sua casa (n = 220, 76,7%), seguindo-se em casa de familiares (n = 32, 11,1%), ou em instituições (n = 33, 11,5%) e em outras situações (n = 2, 0,7%). Em termos de composição do agregado familiar (se vive só ou não) verificamos que a maioria da nossa amostra (n = 238, 82,9%) referenciou não viver só. Relativamente ao nível de escolaridade a distribuição é a seguinte: 4^a classe (n = 150, 52,3%), não sabem ler nem escrever (n = 52, 18,1%), sabem ler (n = 40, 13,9%), 9^o ano de escolaridade (n = 17, 5,9%), ensino preparatório (n = 11, 3,8%), 12^o ano (n = 10, 3, 5%) e curso superior (n = 7, 2,4%). Os rendimentos encontravam-se categorizados da seguinte forma: “não são suficientes para os gastos” (n = 73, 25,4%), “cobrem os gastos, mas não permitem poupar” (n = 153, 53,3%) e “cobrem os gastos e permitem poupar” (n = 61, 21,3%). Dos 287 inquiridos, 268 estão aposentados (93,4%), seguindo-se os que se inserem no grupo “tenho reforma, mas trabalho”, com n = 13, representando 4,5% da população inquirida, e com n = 6, corresponde a 2,1%, está o grupo de pessoas que não estão aposentadas.

Análise de dados

Para o tratamento da análise estatística recorreu-se ao programa informático SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 21.0 para Windows.

Foi efetuado o cálculo da normalidade da distribuição da amostra, através do teste Kolmogorov-Smirnov, que nos indicou que as variáveis da rede de estudo não obedeciam a uma distribuição normal e, por isso, optou-se pela utilização testes estatísticos não paramétricos.

RESULTADOS

1. Estudo descritivo da rede social pessoal dos inquiridos

Estruturalmente a rede social pessoal dos inquiridos apresenta um tamanho médio de 7,61, variando entre o mínimo de 1 e o máximo de 40 indivíduos. Relativamente à dispersão geográfica atendendo que “2” significa “*no mesmo bairro*” e “3” representa “*na mesma terra*”, a nossa amostra apresenta um valor médio de 2,76, o que significa que os elementos considerados na rede encontram-se relativamente perto dos idosos entrevistados. A média da durabilidade das relações é de 40,94 anos variando entre o mínimo de 8 anos e o máximo de 74 anos. Relativamente à frequência de contactos com um valor médio de 2,20, o que significa existir alguma tendência para que os idosos tenham alguns contactos semanais com os elementos da sua rede. No que diz respeito à densidade da rede esta variou entre 40 e 100%, com uma média de 97%, o que configura uma prevalência de redes coesas. Relativamente à heterogeneidade quanto ao tipo de vínculos presentes na rede, o valor mínimo é de 1 e o máximo é de 4, com uma média de 1,68, o que significa que os idosos inquiridos tendem a manter relações apenas com um ou dois tipos de grupos, configurando redes homogéneas quanto aos tipos de vínculos contemplados.

Tabela 2

Características estruturais, funcionais e medidas de satisfação das redes sociais e pessoais dos idosos

	N	Mínimo	Máximo	Média	DP
Características Estruturais					
Tamanho da Rede	287	1,00	40,00	7,61	5,79
Heterogeneidade	287	1,00	4,00	1,68	0,77
Durabilidade	287	8,00	74,00	40,94	11,46
Frequência de Contactos	287	1,00	5,00	2,20	0,98
Dispersão Geográfica	287	1,00	5,00	2,76	0,10
Densidade	287	40,00	100,00	97,00	9,76
Características Funcionais					
Apoio Emocional	287	1,00	3,00	2,69	0,39
Apoio Material e Instrumental	287	1,00	3,00	2,34	0,52
Apoio Informativo	287	1,00	3,00	2,38	0,55
Companhia Social	287	1,00	3,00	2,40	0,49
Acesso a Novos contactos	287	1,00	3,00	2,18	0,66
Reciprocidade	287	1,00	4,00	3,45	0,84
Medidas de Satisfação					
Satisfação com a rede	287	1,00	3,00	2,81	0,43
Satisfação com o apoio social	245	1,00	3,00	2,66	0,54

Relativamente às características funcionais da rede, foram considerados o apoio emocional, material e instrumental, o apoio informativo, acesso a novos contactos, companhia social e a reciprocidade de apoio.

Quando se procurou analisar o tipo de apoio que mais prevaleceu nos idosos inquiridos, verificou-se que, destes cinco apoios, o que apresentou um valor médio superior foi o apoio emocional com uma média de 2,69, seguido da companhia social, o apoio informativo, material e instrumental e o acesso a novos contactos 2,40, 2,38, 2,34 e 2,18, respetivamente. Uma vez que o apoio emocional encontra-se muito próximo do valor máximo (3), pode-se afirmar que os idosos inquiridos se sentem emocionalmente apoiados pela sua rede. Quanto à reciprocidade esta apresenta um valor mínimo de 1 – “não dá apoio a nenhuma destas pessoas”, e máximo de 4 – “ dá apoio à maior parte destas pessoas”, apresentado um valor médio de 3,45, significando que os idosos percecionam elevados níveis de reciprocidade com os elementos da sua rede.

Relativamente às medidas de satisfação, estas foram subdivididas em dois grupos: satisfação com a rede e satisfação com o apoio social. Ambas assumem um valor mínimo de 1

e um máximo de 3, com três categorias de resposta “nada”, “pouco” ou “muito satisfeito(a)”. O valor médio obtido para a satisfação com a rede (2,81) foi ligeiramente superior ao valor médio da satisfação com o apoio social (2,66), ambos indiciando elevados níveis de satisfação.

Tabela 3.

Características estruturais e funcionais da rede segundo a presença e ausência de netos: Médias, desvios-padrão e teste de Mann-Whitney

	Presença de netos na rede (n= 192)		Ausência de netos na rede (n= 95)			
	M	DP	M	DP	U	Sig.
Características Estruturais						
Tamanho da Rede	8,96	5,91	4,88	4,44	3766,50	0,00*
Heterogeneidade	1,64	0,76	1,75	0,80	8454,50	0,27
Durabilidade	38,09	8,25	46,69	14,53	5386,00	0,00*
Frequência de Contactos	2,37	0,95	1,86	0,97	5992,00	0,00*
Dispersão Geográfica	2,88	0,96	2,49	1,03	6991,50	0,00*
Densidade	97,06	9,95	96,85	9,41	9105,00	0,97
Características Funcionais						
Apoio Emocional	2,67	0,40	2,73	0,38	8093,50	0,10
Apoio Material e Instrumental	2,32	0,52	2,37	0,51	8500,00	0,35
Apoio Informativo	2,39	0,51	2,34	0,64	9072,00	0,94
Companhia Social	2,35	0,48	2,50	0,48	7297,50	0,00*
Acesso a Novos contactos	2,20	0,60	2,15	0,76	8984,50	0,84
Reciprocidade	3,50	0,79	3,34	0,93	8360,00	0,18
Medidas de Satisfação						
Satisfação com a rede	2,87	0,35	2,69	0,53	7741,00	0,00*
Satisfação com o apoio social	2,69	0,52	2,59	0,57	5889,00	0,13

* sig. ≤ 0,01

Devido aos pressupostos subjacentes à utilização de testes paramétricos não estarem salvaguardados (distribuição normal), optou-se pela realização do teste não paramétrico de Mann-Whitney para comparar as redes que continham netos e as redes pontuadas pela sua ausência.

Como se pode observar na tabela 2, relativamente às características estruturais, onde se destaca as propriedades globais da rede, referindo-se essencialmente ao círculo relacional, e comparando as médias através do teste de Mann-Whitney, observa-se que existem diferenças significativas no tamanho médio da rede. Esta é maior nos que referiram a

presença de netos quando comparados com aqueles cujas redes são caracterizadas pela ausência de netos (8,96 vs. 4,88, $U = 3766,50$ e $p = 0,00$). A durabilidade média das relações é maior nos idosos que referem a ausência de netos na sua rede quando comparada com os que identificam a presença de netos (46,69 vs. 38,09, $U = 5386,00$ e $p = 0,00$). Quanto à frequência de contactos, também existem diferenças significativas nos idosos que referiram a presença de netos quando comparados com os que não referiram (2,37 vs. 1,86, $U = 5992,00$ e $p = 0,00$), com estes últimos a apresentar maior frequência de contactos do que os primeiros. Assim, enquanto a média da frequência de contactos no caso dos idosos sem netos na rede se situa entre o 1 (diariamente) e o 2 (algumas vezes por semana), no caso dos idosos que referenciam netos, a frequência situa-se entre o 2 (algumas vezes por semana) e o 3 (semanalmente). A comparação entre os dois grupos revelou ainda diferenças significativas ao nível da dispersão geográfica, com os idosos que mencionaram a presença de netos na rede a revelar uma maior dispersão geográfica dos elementos da sua rede do que aqueles que não assinalaram netos (2,88 vs. 2,49, $U = 6991,50$ e $p = 0,00$). Os idosos que referenciaram netos apresentam uma dispersão geográfica que se aproxima do valor 3 ($M = 2,88$), ou seja, os elementos da sua rede tendem a viver “na mesma terra”. Aqueles que não identificaram netos na rede, apresentam uma dispersão geográfica ($M = 2,49$) que se situa entre o 2 (“no mesmo bairro/rua”) e o 3 (“na mesma terra”).

No que diz respeito às características funcionais da rede social pessoal, verificou-se que existem diferenças significativas ao nível do apoio “companhia social”, quando comparados os idosos que referiram a ausência de netos na sua rede com os que assinalaram a presença dos mesmos (2,50 vs. 2,35, $U = 7297,50$ e $p = 0,00$). Ainda ao nível das características funcionais, importa sublinhar que as redes com netos apresentam maiores níveis de apoio informativo (2,30 vs. 2,34, $U = 9072,00$ e $p = 0,94$), acesso a novos contactos (2,20 vs. 2,15, $U = 8984,50$ e $p = 0,84$) e na reciprocidade (3,50 vs. 3,34, $U = 8360,00$ e $p = 0,18$), mas estas diferenças não são estatisticamente significativas. As redes sem netos, por seu turno, apresentam níveis superiores no apoio emocional (2,73 vs. 2,67, $U = 8093,50$ e $p = 0,10$), no apoio material e instrumental (2,37 vs. 2,32, $U = 8500,00$ e $p = 0,35$), diferenças essas que também não são significativas.

Por último, e considerando as duas medidas de satisfação disponíveis (satisfação com a rede e satisfação com o apoio social), verificou-se que os idosos que referenciam a presença de netos sentem-se mais satisfeitos com a sua rede do que aqueles que não assinalam netos (2,87 vs 2,69, $U = 7741,00$ e $p = 0,00$). Os idosos com netos na rede assinalam igualmente

uma maior satisfação com o suporte social (2,69 vs. 2,59, $U = 5889,00$ e $p = 0,13$), embora esta diferença não seja significativa.

Tabela 4.

Estudo descritivo das redes em que é assinalada a presença de netos: Características estruturais e funcionais

N=192	Mínimo	Máximo	Média	DP
Características Estruturais				
Número de Netos na Rede	1,00	15,00	2,57	1,90
Durabilidade das Relações c/ Netos	1,50	52,00	20,50	9,46
Frequência de Contactos c/ Netos	1,00	5,00	2,67	1,33
Dispersão Geográfica dos Netos	1,00	5,00	3,22	1,32
Características Funcionais				
Apoio Emocional dos Netos	1,00	3,00	2,69	0,51
Apoio Material e Instrumental dos Netos	1,00	3,00	2,12	0,74
Apoio Informativo dos Netos	1,00	3,00	2,22	0,72
Companhia Social dos Netos	1,00	3,00	2,26	0,64
Acesso a Novos Contactos através dos Netos	1,00	3,00	2,03	0,76

Como se pode observar na tabela 4, o número médio de netos nas redes em que estes são referenciados é de 2,57 (DP = 1,90), variando entre o mínimo de 1 e o máximo de 15, sendo igualmente possível constatar que a média da durabilidade das relações com os netos é de 20,50 anos, variando entre o mínimo de 1 e o máximo de 52 anos. A frequência de contactos apresenta um valor médio de 2,67 (DP = 1,33), variando entre o mínimo de 1 e o máximo de 5, sugerindo que os contactos com os netos são feitos semanalmente. A dispersão geográfica varia entre o mínimo de 1 e o máximo de 5, apresenta uma média de 3,22 (DP = 1,32), indicando que os netos tendem a viver “na mesma terra” ou residem em zonas relativamente próximas (menos de 50 Km de distância).

Quanto às características funcionais, estas variam entre o mínimo de 1 e o máximo de 3, sendo que o apoio prestado pelos netos que mais se destaca é o apoio emocional com uma média de 2,69 (DP = 0,51), seguido da companhia social que apresenta um valor médio de 2,26 (DP = 0,64), apoio informativo com uma média de 2,22 (DP = 0,72), o apoio material e instrumental com um valor de 2,12 (DP = 0,74) e, por fim, o acesso a novos contactos com um valor médio de 2,03 (DP = 0,76). Tendo em consideração que a satisfação com a rede é superior entre os indivíduos que referiram netos, foram efectuadas correlações entre as variáveis consideradas na tabela 4 e a variável satisfação com a rede. Assim, não foram encontradas correlações significativas entre o número de netos na rede, durabilidade das relações com os netos, frequência de contactos e dispersão geográfica dos netos e a variável satisfação com a rede. Foram encontradas correlações significativas e positivas entre todos os apoios prestados pelos netos e a satisfação com a rede: apoio emocional dos netos ($\rho = ,186$, $n = 192$, $p = ,010$), apoio material dos netos ($\rho = ,194$, $n = 192$, $p = ,007$), apoio informativo dos netos ($\rho = ,216$, $n = 192$, $p = ,003$), companhia social dos netos ($\rho = ,205$, $n = 192$, $p = ,004$), acesso a novos contactos através dos netos ($\rho = ,173$, $n = 192$, $p = ,016$).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Pretendeu-se com este estudo analisar a influência da presença de netos nas redes sociais de pessoas idosas, e os principais resultados evidenciam três aspetos relevantes: a) existem diferenças na rede entre aqueles que referem netos e os que não referem, essencialmente ao nível das características estruturais; b) não parece haver diferenças nas características funcionais entre as redes com netos e as redes sem netos, exceto na companhia social, onde as redes sem netos apresentam níveis superiores; c) os idosos que incluem netos nas suas redes apresentam maior nível na satisfação com a rede do que aqueles que não referiram netos.

Relativamente ao tamanho médio da rede, verificou-se que as redes com netos tendem a ser maiores do que as redes sem netos. Ou seja, a inclusão de netos parece estar associada a redes mais amplas, com maior número de elementos.

A comparação entre os dois grupos revelou que a durabilidade das relações na rede é maior nos idosos que assinalam a ausência de netos, com uma média de 46,69 anos relativamente àqueles que referiram a presença destes, com uma média de 38,09 anos, o que seria um resultado expectável já que os netos, pela sua idade mais jovem, tenderão a diminuir

este indicador. Também se verifica maior frequência de contactos no grupo de idosos que não referiram a presença de netos e maior proximidade geográfica quando comparada com o grupo dos que referiram a sua presença.

Num primeiro momento, estes dados poderiam levar à formulação da hipótese de que as redes com netos apresentam debilidades estruturais quando comparadas com as redes sem netos, contudo, os dados que a seguir serão discutidos limitam consideravelmente o alcance desta hipótese. Relativamente às características funcionais, a companhia social foi aquela que se destacou mais neste estudo, com maiores níveis no grupo de indivíduos que referiram a ausência de netos relativamente ao grupo que referiu a presença de netos na sua rede.

Estes resultados podem ser eventualmente explicados, pelo menor número de elementos nas redes dos idosos que referiram netos. Ou seja, uma vez que os níveis de apoio são calculados através de médias, aqueles que referem menos elementos poderão ter uma tendência a referenciar apenas os que lhes facultam apoio, ao passo que aqueles que referem mais elementos podem elencar pessoas que para si são significativas, mas que não cumprem qualquer função de apoio. Estes resultados também indiciam que os idosos sem netos na rede detêm outros elementos que lhes fornecem este tipo de apoio.

Perante os resultados assim configurados, tanto ao nível das características estruturais como funcionais da rede, poderia tecer-se a conclusão precipitada que os netos detêm pouca relevância para os idosos, particularmente no que às variáveis da rede contempladas no presente estudo diz respeito. Contudo, Vicente (2010) referiu que dentro do sistema familiar multigeracional todas as gerações têm um papel importante e nenhuma parece desocupada de funções para as restantes. Num estudo de Vicente e Sousa (2012), sobre a análise detalhada das redes sociais pessoais da geração mais idosa em famílias que contêm quatro gerações, os idosos revelaram que a inclusão de elementos de outras gerações para além dos filhos (a inclusão da geração dos netos e dos bisnetos), significava redes maiores e menos dependentes da geração imediatamente contígua. Nesse estudo, ficou patente existir uma hierarquia intergeracional para o apoio familiar, em que o apoio das gerações mais novas apenas parece existir quando as gerações intermédias estão presentes e facultam esse apoio. Assim, seria importante, no contexto do presente estudo, estudar a inter-relação entre o apoio prestado pelos filhos (geração intermédia) e o apoio prestado pelos netos.

A questão que assim subsiste será averiguar se os netos não prestam apoio material/funcional simplesmente porque estas dimensões já estão a ser asseguradas pela geração dos filhos. De salientar que, apesar de serem considerados elementos significativos, a presença de netos pode condicionar um decréscimo das médias de apoio (sustentado pela

comparação entre médias de apoio da rede patentes na tabela 3 e as médias de apoio dos netos constantes na tabela 4). Possivelmente, as funções de apoio aos idosos estão mais centradas nas gerações intermédias, enquanto que os netos desempenham funções simbólicas.

Também seria relevante analisar a prestação de apoio dos netos em função da sua idade. Neste estudo não foi avaliada a variável idade dos netos, sendo expectável que netos muito novos não estejam implicados na prestação de apoio aos mais idosos na família, ao passo que netos mais velhos eventualmente já possam estar incluídos no rol de pessoas que facultam suporte funcional.

As hipotéticas conclusões precipitadas, que acima foram mencionadas, da relativa inoperância ou irrelavância dos netos nas redes dos idosos, e que já foram debeladas pelos comentários tecidos nos últimos parágrafos, revelam ainda menos consistência quando se considera um dos últimos resultados deste estudo. Verificou-se que os sujeitos idosos que mencionaram a presença de netos apresentam um maior nível de satisfação com a rede do que aqueles que não referiram. Para além disso, o nível de satisfação com a rede parece estar mais associado aos apoios que os netos prestam, do que à frequência de contactos ou distância geográfica que separa o idoso do neto.

Estes dados sugerem que existe um papel importante dos netos na rede dos idosos, papel esse que possivelmente não é completamente traduzido ou avaliado adequadamente pelas questões contempladas no instrumento utilizado no presente estudo.

A generalidade da literatura salienta a importância dos netos na vida dos avós, mas esta não parece ser de ordem inteiramente funcional (apesar das correlações significativas entre o apoio dos netos e a satisfação com a rede, os indivíduos que não referiram netos apresentam níveis superiores de suporte, o que indicia que a satisfação com a rede poderá ir um pouco mais além da questão meramente funcional). Sousa (2006) refere que ser avô/avó permite que se torne a vivenciar a parentalidade sem as responsabilidades e obrigações inerentes à mesma. Com os netos, os avós podem ter ainda contacto com novas ideias culturais, adoptar posturas menos conservadoras, assim como aprofundar um sentido de continuidade do self/renovação biológica (Cunha, 2008; Newman & Newman, 2012, Pires, 2010; Smith & Drew, 2004; Sousa, 2006, citados por Rodrigues, 2013).

Na troca de experiências de vida, os jovens oferecem afeto e entusiasmo e os idosos facultam momentos de apoio, confiança e orientação (Haber & Short-De-Graff, 2004, citados por Marangoni, 2007). Constatou-se também que o número médio de netos que os indivíduos referem nas suas redes ($M = 2,57$), remete para as questões do aumento da esperança de vida e diminuição da taxa de natalidade. Sousa, Figueiredo e Cerqueira (2004, citado por Sousa,

2010) concluíram que se torna impossível refletir sobre a relação avós-netos sem fazer referência às mudanças sociais e demográficas que as têm vindo a modificar e a tornar mais possíveis. Esta é uma das suposições que vai suportar ou apoiar a hipótese da emergência das famílias em feijoeiro pelo facto de existirem menos indivíduos por geração nas atuais famílias.

Num estudo de Vicente (2010), com indivíduos pertencentes a famílias multigeracionais, os dados apontam que o lugar dos avós e netos nas redes sociais de cada um permanece relevante, uma vez que 65,22% dos sujeitos do seu estudo mencionaram um ou mais netos, com uma média de 2,30 de netos na rede social. Estes dados corroboram os resultados encontrados neste estudo e facultam sustento à hipótese da emergência das famílias em “feijoeiro”, ou seja, aquelas que apresentam múltiplas gerações a coexistir no mesmo momento temporal, com relativamente poucos elementos em cada geração. As famílias estão, assim, a tornarem-se cada vez mais verticais devido à diminuição da taxa da natalidade (Sousa, 2005).

O aumento da esperança média de vida está também na base das mudanças verificadas na duração dos papéis e relações que se podem desempenhar na família. Desta forma, os vínculos familiares verticais tendem a ser cada vez mais significativos em detrimento das horizontais (Pires, 2010). Assim, embora a frequência de contactos com os netos tenda a ser mais reduzida e a dispersão geográfica maior em relação à rede em geral, as redes com netos continuam a apresentar níveis relativamente elevados de apoio e a satisfação com a rede em que são inclusos netos é maior, facultando suporte à hipótese de que os netos detêm efectivamente um papel significativo na rede relacional dos idosos.

Os netos podem ser considerados, para os avós, uma nova forma de continuação da vida (Pires, 2010), representando o prolongamento da sua própria vida. Pimentel e Albuquerque (2010) referem que os avós desempenhariam um papel fundamental na transmissão das heranças familiares, na continuidade das relações e das trocas intergeracionais, nos cuidados às crianças, sendo valorizados pelos seus netos como figuras de referência. Ao proporcionar novas identidades, novos papéis e novas interações, a condição de ser avó/avô daria um novo sentido à vida, despertando um desejo de continuidade (Ramos, 2005, citado por Pires, 2010). Os netos ofereceriam assim um sentido de imortalidade aos avós, por estes últimos saberem que parte das suas vidas persistirá no tempo (Rodrigues, 2013).

Assim, nesta perspectiva, pode-se realçar que a presença de netos poderá ajudar a sedimentar este sentimento de continuidade nos idosos e até de imortalidade através dos seus

descendentes. Este sentimento seria importante para os avós, pois constituiria um indicador de que conseguiram ultrapassar a sua maturidade e cumpriram as metas a que se propuseram ao longo da sua existência.

Segundo Erikson (1987), nesta fase do ciclo vital o indivíduo faz uma reflexão sobre o seu papel na vida e no mundo, preocupando-se com o dar sentido ao que fez, sentindo-se útil e assim desenvolvendo normalmente sentimentos de generatividade. Com os netos, o avô ou a avó assimilam o sentido da eternidade. Eles identificam a continuidade transgeracional com a sua própria transcendência. Neste contexto os netos dão sentido ao valor do infinito que existe em cada família (Gomes-Pedro, 2006).

Relativamente às limitações do estudo e perspetivas de investigação futuras, e embora algumas já tenham sido referenciadas ao longo da presente discussão, é de referir que apesar das redes com netos se traduzirem numa maior satisfação com a mesma, ficam por desvendar os factores que assim o determinam. Neste estudo, não ficou inteiramente claro qual o papel que os netos desempenham nas redes dos idosos. Esta limitação poderia ser colmatada por outros estudos que utilizem instrumentos diferentes para avaliar a relação entre avós e netos, ou através de métodos mais qualitativos onde se procure aprofundar as qualidades da relação, uma vez que as análises quantitativas decorrentes da análise de rede revelaram alguma debilidade na apreensão das qualidades deste vínculo tão específico. Seria igualmente importante discriminar os indivíduos que não referem netos na rede simplesmente porque não os têm, daqueles que não referem netos por opção.

Por outro lado, seria interessante compreender se a faixa etária e o sexo dos netos poderão ter influência nos resultados obtidos. Por exemplo, a literatura salienta que as netas parecem envolver-se mais na relação, o que pode estar associado a características tradicionalmente encaradas como femininas, com uma orientação mais vincada para relações e a expressões de afeto (Dias et al., citado por Cunha & Matos, 2010). Ainda nesta temática, seria importante analisar se existem diferenças ao nível do sexo entre os idosos que referem netos e aqueles que não referem. O sexo dos avós seria um aspecto a tomar em conta, até porque existem estudos que assinalam uma preferência dos mais jovens pelas avós maternas, e maior envolvimento das netas adolescentes com as avós (Dias, Dias & Silva, 1999; Martinez, Triadó & Villas, 2000; Rani & Sharma, 2004, citados por Cunha & Mena, 2010).

Outros estudos mostram que a avó materna é a figura maioritariamente preferida pelos adolescentes (Dias, Dias & Silva, 1999 et al., citados por Cunha & Mena, 2010). Também no que diz respeito ao apoio oferecido aos netos pelos avós, segundo Azambuja e Rabinovich

(2013), as avós maternas são fonte importante de cuidados aos netos e as mais convocadas para ajudarem a família.

Afigurar-se-ia ainda pertinente a concretização de um estudo sobre a relação entre avós, filhos e netos, tomando em consideração a inter-relação das três gerações e a existência ou não de rupturas relacionais nas diferentes gerações (por exemplo, o divórcio na geração intermédia, que também não é contemplado no presente estudo e que pode condicionar o acesso dos netos a um dos pares de avós e vice-versa) ou de um estudo que versasse os jovens que, por diferentes motivos, foram criados por avós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arrais, A. R.; Brasil, K. C., Cárdenas, C. J. & Lara, L. (2012). O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. *Revista Kairós Gerontologia*, 15 (2), 159-176.
- Azambuja, R. M. & Rabinovich, E. P. (2013). *Relações Intergeracionais: Concepções de Netos sobre Avós Cuidadores*. II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Belo Horizonte, 8 a 11 de outubro de 2013.
- Cabral, M. V. & Ferreira, P. M. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal, Trabalho, reforma, lazer e redes sociais*. Lisboa: Artes Gráficas, Lda.
- Carneiro, R. (Coord.), Chau, F., Soares, C., Fialho, J. A. S., Sacadura, M. J. (2012). *O Envelhecimento da População: Dependência, Ativação e Qualidade (Relatório final)*. Lisboa Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.
- Castro, N. M. (2001). Relacionamento familiar na velhice. In L. R. Wong (Org.), *O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade* (pp. 219-239). Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar: ABEP.
- Correia, C. S. (2009). *Redes Sociais da Família Multiproblemática ou Famílias Multidesafios Estudo Exploratório*. (Dissertação de Mestrado não publicada) Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra.
- Cunha, B. & Matos, P. M. (2010). *Relações Intergeracionais: Significados de Adolescentes sobre Avós e Idosos*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Portugal, 1038-1052.
- Dias, C. M. & Silva, M. A. (2003). Os Avós na Perspetiva de Jovens Universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Dias, C. M. & Hora, F. F. & Aguiar, A. G. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12 (2): 188-199.
- Durão, M. C. (2012). *Significados e Contribuições dos Avós para o Desenvolvimento Psicossocial dos Jovens*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Erikson E. H. (1987). *Infância e Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Fonseca, A. M. (2006). Envelhecer em Portugal. Um olhar Psicológico. *Povos e Culturas*, 10, 65-80.
- Gomes-Pedro, J. (2006). O papel dos avós no século XXI. *Povos e Culturas*, 10, 11-24.
- Gonçalves, C. M. & Dias, I. (2011). Envelhecimento e emprego dos trabalhadores mais velhos. *Rediteia 41 Centro de Documentação*. 1- 4.
- Guadalupe, S. (2003). Programa de rede social: Questões de intervenção em rede secundária. *Interacções, Sociedade e novas modernidades*, 5, 67-90.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *Povos e Culturas*, 10, 25-38.
- INE. (2011). Censos 2011. *Principais resultados dos censos 2011*. Lisboa. Instituto Nacional de Estatística, I. P.
- Marangoni, J. F. (2007). *Meu Tempo, Seu Tempo: Refletindo sobre as Relações Intergeracionais a partir de uma Intervenção no Contexto Escolar*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Brasília. Brasília.
- Oliveira, C. (2011). *Relações Intergeracionais: Um estudo na área de Lisboa*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- Paúl, C. (2005). Envelhecimento activo redes de suporte social. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras Universidade do Porto*, 15, 275-287.
- Paula, F. V.; Silva, M. J.; Bessa, M. E. P.; Morais, G. L. A. & Marques, M. B. (2011). Avós e Netos no Século XXI: Autoridade, Afeto e Medo. *Revista Rene, Fortaleza*, 913-921.
- Pimentel, L. G. & Albuquerque, C. P. (2010). Solidariedades Familiares e o Apoio a Idosos. Limites e Implicações. *Textos & Contextos*, 9, nº 2, 251-263.
- Pires, M. F. (2010). *Presença e papel dos avós: estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade de Aveiro. Aveiro.
- Rodrigues, S. S. A. (2013). *A relação entre avós e netos após a separação conjugal dos pais*. (tese de Mestrado Integrado em psicologia não publicada). Secção de psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa. Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Sampaio, D. (2008). *A razão dos avós*. 6ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho.

- Silva, M. F. (2011). *Avós.Tic.aumento de capital sociocuktural nos seniores mediante alfabetização e uso das TIC*. (tese de doutoramento não publicada). Universidade de Salamanca, Salamanca.
- Sluzki, C. (1996). *La red social: frontera de la practica sistémica*. Barcelona, Gedisa Editorial.
- Sousa, L. (2010). Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos. *Povos e Culturas*, 10, 39-50.
- Vicente, H. M.(2010 a). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistémica*. (tese de doutoramento não publicada). Secção Autónoma de Ciências da Saúde. Unvesidade de Aveiro, Aveiro.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2012). Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. *Revista temática Kairos Gerontologia*, 15 (1), 75-98.